

TERRITÓRIO E INDÚSTRIA: O RAMO DE ALIMENTOS NO OESTE DE SÃO PAULO

TERRITORIO E INDUSTRIA: EL SECTOR ALIMENTICIO EN EL OESTE DEL ESTADO DE SAO PAULO

BOMTEMPO, Denise Cristina¹
SPOSITO, Eliseu Savério²

Resumo

A dinâmica do capitalismo flexível trabalha na perspectiva de homogeneizar os espaços da produção industrial ao longo do tempo, para garantir maior lucratividade. Percebemos isto, quando analisamos a dinâmica das atividades industriais no Brasil, sobretudo no estado de São Paulo. Assim, este artigo tem por objetivo entender como a indústria se faz presente nas cidades médias do Oeste do estado de São Paulo, considerada de baixa concentração industrial, mas que apresenta alguns ramos que possui um certo grau de aglomeração industrial e de especialização produtiva, como é o caso do ramo de alimentos, que se localiza na cidade de Marília. A aglomeração industrial tem acarretado intensas transformações do ponto de vista da estruturação urbana nas escalas regional e intra-urbana, principalmente a partir da década de 1980 e 1990, quando estas empresas passaram a atrair investidores externos à escala da cidade e mesmo ao território nacional.

Palavras-Chave: território, reestruturação produtiva, indústria alimentícia, Oeste de São Paulo.

Resumen

La dinámica del capitalismo flexible opera en la perspectiva de homogenizar los espacios productivos industriales para garantizar una mayor rentabilidad. Al analizar la dinámica de las actividades industriales en Brasil, especialmente en el Estado de Sao Paulo, es posible percibir claramente esa tendencia. En este artículo se pretende entender cómo la industria se hace presente en las ciudades medias del oeste del Estado de Sao Paulo, considerada una región de baja concentración industrial, pero que presenta algunos ramos que demuestran un cierto grado de aglomeración y de especialización productiva, como es el caso del sector alimenticio de la ciudad de Marília. Esta aglomeración industrial ha generado intensas transformaciones del punto de vista de la estructuración urbana en las escalas regional e intra-urbana, que comienzan a intensificarse, principalmente, a partir de las décadas de 1980 y 1990, cuando las empresas comenzaron a atraer inversiones externas a la ciudad y al territorio nacional.

Palabras-clave: territorio, re-estructuración productiva, industria alimenticia, Oeste de Sao Paulo.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unesp de Presidente Prudente (denibomtempo@hotmail.com). Bolsista da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa no estado de São Paulo.

² Orientador. Professor do Programa de Pós Graduação e Graduação em Geografia da Unesp de Presidente Prudente. essposito@prudenet.com.br

1. INTRODUÇÃO

O século XX, principalmente após a Segunda Guerra Mundial foi marcado por intensas transformações do ponto de vista da organização dos territórios produtivos. Neste período podemos destacar que ocorreu uma internacionalização do capital e com isso a consolidação da fase monopolista, que teve como estratégia de reprodução ampliada, a incorporação de novas áreas, principalmente pela atividade industrial. Com isso, tivemos uma nova divisão internacional do trabalho, que acarretaram transformações devido às mudanças da matriz produtiva que passou a ser dinamizada nos novos territórios de produção capitalista.

A indústria no Brasil teve um grande impulso na década de 1930, na metrópole paulista e na sua região metropolitana. Neste período, o papel do imigrante, juntamente com os fazendeiros de café e o Estado, foi decisivo para a implantação dos primeiros ramos de produção industrial, entre eles o têxtil e o de alimentos, posteriormente, o ramo das indústrias pesadas, foram dinamizados para atender as indústrias de transformação, que passava por constante crescimento.

As empresas de capital externo, que se instalaram no território, datam da década de 1950, sendo que, entre os ramos, destacam-se os de produtos duráveis - automobilísticos e eletroeletrônicos. O paradigma industrial vigente entre as empresas, era o fordismo que tem entre suas características a produção em massa. Isto foi bem disseminado no Brasil, pois existia no país uma crescente classe de trabalhadores urbanos ávidos ao consumo, abundância de matéria-prima, um Estado que apoiava a entrada do capital internacional e uma classe de industriais que também via com bons olhos a instalação destas empresas.

Juntamente com os ramos já existentes, os ramos de produtos não duráveis passaram a ser dinamizados, entre eles destaca-se o ramo de alimentos, que é um ramo tradicional da indústria de transformação, mas que nos dias atuais vem passando por intensas transformações, tanto no que tange à localização industrial na escala nacional, regional e intra-urbana, à organização da produção, como também às relações de trabalho e a procura por novos mercados. Em especial, no estado de São Paulo, temos uma intensa concentração deste ramo, não só na metrópole paulista, mas

também nas cidades médias do interior. O interior paulista, por muito tempo foi denominado como uma área de pouca atividade industrial, mas atualmente, verifica-se que existem alguns ramos que se estruturaram e que contribuíram para que fossem formadas especializações produtivas, entre eles destaca-se o ramo de calçados infantis da cidade de Birigui, que se localiza na Nona Região Administrativa do Estado e o ramo de alimentos, principalmente de biscoitos, balas, confeitos de amendoim e “*snacks*”, que se localiza na cidade de Marília, sede da Décima Primeira Região Administrativa do estado.

Assim, o interesse deste artigo recai em discutir de maneira preliminar³ como se deu a aglomeração industrial do ramo de alimentos no município de Marília, que está distante por rodovia 443 Km da metrópole paulista, e quais as mudanças que este ramo de produção vem sofrendo nesta nova fase do capitalismo, que tem como uma de suas características, a intensa competitividade e a mudança do paradigma industrial, de fordista para toyotista, porém esta mudança não se faz de maneira global no ramo industrial que estamos verticalizando a discussão. Para se adequar às novas regras do mercado global, as empresas têm que se adaptar a uma série de regras para garantir maior lucratividade, para tanto, alteram a organização da produção e as relações de trabalho, adotam tecnologia e procuram outras localizações. As empresas se estruturam do ponto de vista do capitalismo flexível que se reproduz de maneira desigual e combinada e interliga através das redes, os territórios da produção nas escalas global, nacional, regional e local. Desta maneira, procuramos, além de entender a dinâmica da indústria do ponto de vista do circuito espacial da produção, levantar as problemáticas que envolvem a reestruturação produtiva e urbana, e as relações de trabalho na indústria de alimentos da cidade de Marília.

³ As reflexões apresentadas neste artigo são discussões preliminares que estão sendo feitas a partir das leituras e levantamento de dados para o desenvolvimento da Tese de Doutorado, e também a partir de reuniões com o Grupo de Professores e Alunos que integram o Projeto Temático, financiado pela FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, intitulado como “O novo mapa da indústria no início do século XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no estado de São Paulo”, coordenado pelo Prof. Dr. Eliseu Savério Sposito.

2. Território e indústria no Brasil e no estado de São Paulo

Entender a dinâmica dos territórios no atual processo de mundialização do capital é um tanto complexo, pois de acordo com Santos (1998), nesta fase do capitalismo, os territórios são usados pelas empresas transnacionais, que não possuem relações com o lugar onde se instalam, mas ditam as regras, normatizam a produção e a vida dos trabalhadores. Por quê? Entre outros, o objetivo é vencer a competitividade do mercado e garantir cada vez mais a lucratividade.

O domínio do território por essas empresas, só se estabelece através da formação de redes, que garantem a fluidez da produção e da circulação dos produtos e das informações. *“As redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade”* (Santos, 1998, p. 16).

Concordamos com Santos (1998), que o território está cada vez mais organizado do ponto de vista da técnica, das normas, da gestão de agentes externos às relações cotidianas, mas também, que neste mesmo território, organizado pelos agentes do capital hegemônico, existem agentes locais que atuam na perspectiva de ter um território menos desigual. Nesta perspectiva, Saquet (2007), afirma que *“o território é o lugar das coexistências”*, além, das relações verticais, existem também as relações horizontais, que são produzidas na escala do vivido, que possuem identidade e que por isso simbolizam a perspectiva da luta por territórios menos desiguais. Portanto, para entender o território na atual fase do sistema capitalista, considera-se que existem vários atores que não somente usam, mas também produzem dinâmicas territoriais próprias.

Ainda, Saquet (2007), traz uma importante contribuição quando apresenta os estudos de teóricos como Giuseppe Dematteis e Claude Raffestin, que trabalham com uma perspectiva “renovada” nos estudos territoriais. Assim como Milton Santos, eles afirmam que precisamos entender o território além do Estado-Nação, pois este não é mais o único agente que dinamiza os territórios de atuação do capital. O território também pode ser compreendido como lugar de produção e reprodução da vida que se configura socioespacialmente. Raffestin (1993), afirma que o território é um *“campo de forças”*, pois são efetivadas as lutas por poder, não somente no âmbito das disputas de

terras e demarcação de fronteiras, mas também pelo poder dos agentes que atuam na esfera econômica, cultural, política, social e ambiental.

Santos (1986, 1988, 1994 e 2001), Rafesttin (1993), Dematteis & Governa (2005) e Saquet (2007), são autores que contribuem para as reflexões que estão sendo feitas acerca da dinâmica territorial do Oeste do Estado de São Paulo a partir da indústria de transformação do ramo de alimentos. Para os autores citados acima, o território precisa ser investigado na perspectiva das redes, da multiescalaridade, do tempo–movimento, e dos diversos atores - o Estado, as Empresas, as Instituições, os Sindicatos, os Trabalhadores etc, que atuam na sua organização e uso ao longo do tempo.

2.1. A territorialização da Indústria no Brasil e no estado de São Paulo

O processo de industrialização brasileira é recente em se comparando com a Europa e com os Estados Unidos. As primeiras indústrias localizaram-se na cidade de São Paulo na década de 1930, pois havia uma burguesia que acumulava riquezas desde o período áureo do café, e que posteriormente fez investimentos no setor industrial. Na década de 1950, já era possível substituir as importações de manufaturados por produtos fabricados nas indústrias nacionais, todavia, o consumo no país ainda não era tão intenso, pois a classe trabalhadora assalariada assim como a indústria estava em processo de formação. Na década de 1960, havia indústrias nacionais já consolidadas, principalmente nos setores estratégicos, tais como, energia, telecomunicações e mineração. No governo de Juscelino Kubitschek, o país passou a receber de maneira mais intensiva, as indústrias transnacionais, que eram sinônimos de progresso. A princípio, as indústrias eram provenientes do capital americano, alemão e italiano, mas posteriormente identificamos o investimento de grupos franceses, japoneses, coreanos e chineses, em vários ramos da produção industrial, porém os de maiores destaques no período supracitado foram o automobilístico e eletroeletrônico. Em 1970, o território brasileiro já estava “aberto” ao capitalismo global.

Até a década de 1970/1980, na cidade de São Paulo e na sua região metropolitana concentraram-se vários ramos da atividade industrial, mas no período, caracterizado de reestruturação do capitalismo global (décadas de 1970, 80 e 90) a

metrópole passou a desempenhar novos papéis, como, por exemplo, centralizar a gestão das empresas e dos ramos industriais que exigiam altos investimentos tecnológicos e por isso, necessitavam também de uma mão-de-obra qualificada, alterando a dinâmica da produção e do emprego na metrópole.

Contudo, não se pode deixar de considerar que, ao mesmo tempo em que São Paulo concentrava e centralizava o seu papel como cidade pólo de desenvolvimento no/do Brasil, políticas públicas eram elaboradas no intuito de garantir uma maior integração do capitalismo no território nacional, entre elas, vale a pena ressaltar a política de desconcentração industrial.

Autores como Sposito (2004) e Lencioni (1998, 1999) afirmam que, a partir de 1970, a metrópole paulista começou a se expandir para outras regiões do Brasil e para o interior do Estado, principalmente para as cidades médias, que se tornaram pólos de atração da força de trabalho, provenientes de outras regiões brasileiras, e também ocasionou um movimento migratório intra-regional, principalmente de migrantes vindos de cidades pequenas, implicando numa migração ascendente⁴.

Vários ramos industriais foram dinamizados, Firkowski (1989) destaca que, em Ribeirão Preto e Araraquara, desenvolveram indústrias ligadas ao setor de citricultura; Matushima (2001) destaca que, em São José do Rio Preto e cidades próximas, o setor moveleiro foi o mais dinamizado. De acordo Cícero (2007), em Birigui estruturou-se o ramo de calçados infantis, Sposito (2004), afirma que em Bauru, desenvolveram-se indústrias ligadas ao ramo calçadista e, em São José dos Campos e São Carlos pela presença das Universidades de Engenharia, desenvolveu-se um importante centro de Pesquisas Tecnológicas. Por sua vez, Mourão (1994), afirma que, em Marília, foram dinamizadas as indústrias alimentícias e de estruturas metálicas; e, em Presidente Prudente, a dinâmica industrial se deu pelos ramos de alimentos e bebidas, como foi analisado por Dundes (1998).

Um dos fatores ligados à “expansão da metrópole”, contribuindo na sua desconcentração industrial, foi o desenvolvimento de vias (fixos) que possibilitaram um fluxo maior de pessoas, mercadorias e informações. Num primeiro momento, as vias

⁴ SPOSITO, Eliseu Saveiro. Relatório número um da FAPESP, do Projeto Temático: O novo Mapa da Indústria no início do século XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no Estado de São Paulo. Presidente Prudente, abril de 2007.

eram visíveis no território, através das rodovias de acesso, em especial partindo da metrópole em direção às demais regiões paulistas e ao território nacional, formando eixos de desenvolvimento⁵. Num segundo momento, as vias eram invisíveis a “olho nu”, caracterizadas pela formação de uma rede de fibras óticas, que também interligam os territórios do capital, caracterizando o que Santos (1996) chamou de *meio-técnico-científico-informacional*. Mesmo no estado de São Paulo, este meio-técnico-científico-informacional não é homogêneo, pois existem lugares do ponto de vista da produção industrial, que o capital tem mais interesse, formando assim, o que Smith (1988) reconhece como um *desenvolvimento desigual*.

Diante do complexo processo de industrialização do Estado de São Paulo, propõe-se verticalizar a discussão a fim de buscar o entendimento da dinâmica industrial no/do Oeste de São Paulo, pois, de acordo com Gomes (2007), esta região, possui vários momentos do ponto de vista da produção industrial, a saber,

“[...] o primeiro momento destaca-se pelo surgimento de pequenas e médias fábricas para atender o consumo local. No segundo momento, ocorreu o surgimento de empresas de beneficiamento de produtos agrícolas de capital internacional, como Anderson Clayton e Sanbra, por exemplo. No terceiro momento, começa a vislumbrar mudanças na agricultura que dependiam dos produtos agrícolas para seu funcionamento. No quarto momento ocorre uma reorganização das empresas, com aquisições, fusões e compra de empresas e o surgimento de empresas de novos ramos não ligadas diretamente às transformações de produtos agrícolas, bem como transformações industriais no âmbito do processo produtivo e do trabalho. Esse momento trata-se da reestruturação produtiva” (GOMES, 2007, p. 251)

Verifica-se que, o Oeste de São Paulo, principalmente a partir do final da década de 1970, vem passando por um processo que Sposito (1999), denomina de reestruturação produtiva. Mas, este processo, de acordo com Gomes (2007), agrega o “*novo e o velho*”, ou seja, em relação à organização da produção, possui tanto características tradicionais (fordistas), mas também inovadoras (toyotistas). Também, a nova dinâmica industrial do Oeste Paulista, é marcada tanto por agentes externos ao território - haja vista a aquisição de empresas alimentícias da cidade de Marília, por empresas transnacionais, como a Nestlé; como também por agentes internos - por exemplo, empresas familiares como a Bebidas Asteca – Hinomoto Shoyo, Alimentos Sakura, Bebidas Funada, Bebidas Wilson, Pastifício Liane, entre outras, que surgiram do capital familiar e permanecem até os dias atuais, localizadas na Região

⁵ SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, J. L. *El eje Irún-Aveiro*. Salamanca: Ed. Caja Duero, 1998.

Administrativa de Presidente Prudente. Verifica-se, portanto uma dinâmica territorial urbana regional que possui coexistências, e múltiplos agentes que atuam na sua organização, normatização e uso.

3. O ramo de alimentos no Oeste de São Paulo

O Oeste do estado de São Paulo é considerado de ocupação-exploração recente (início do século XX). As “áreas” tradicionais de exploração do território paulista são as do Vale do Paraíba e de Ribeirão Preto, já que se inseriram na lógica da exploração econômica desde a expansão cafeeira no Estado. Assim, a Alta Sorocabana, que era conhecida como as “terras do oeste” – foi sendo ocupada e explorada em função, sobretudo, de uma inexpressiva ocupação e por ter seus solos férteis.

Vale a pena ressaltar que, o Oeste de São Paulo, refere-se a quatro regiões administrativas, a saber, 8ª. Região Administrativa, com a sede em São José do Rio Preto, 9ª. Região Administrativa, com a sede em Araçatuba, 10ª. Região Administrativa, com a sede em Presidente Prudente e 11ª. Região Administrativa, com a sede em Marília. Julga-se de extrema importância entender os ciclos de ocupação–exploração da região, porém, a proposta para o momento é entender dinâmica territorial a partir das atividades industriais.

As indústrias do Oeste Paulista possuem características particulares, pois são originárias tanto do capital local como do capital externo, grande parte delas são de capital local provenientes de um excedente acumulado nas atividades primárias desenvolvidas pelos imigrantes. São indústrias tradicionais que se estruturaram, consolidaram e se expandiram e que fizeram/fazem o diferencial da dinâmica territorial em escala regional.

Além das indústrias de capital local, estabeleceram-se na região, as provenientes de capital externo. Essas indústrias, no *segundo momento* da industrialização, instalaram-se estrategicamente para ficarem mais próximas da matéria-prima, pois desenvolveram atividades ligadas ao setor primário, como aquelas beneficiadoras - Anderson Clayton, Sanbra, Cica etc. Essas empresas usufruíram a política de incentivos dos governos da época, tanto regional como em âmbito estadual e nacional. Em nível regional, havia uma preocupação dos governantes em incentivar a

industrialização na região. Para tanto, foi abundante a oferta de infra-estrutura, a doação de terrenos e a isenção de impostos.

De acordo com Dundes (1998), Silva (2001) e Gomes (2001, 2007), o Oeste Paulista não obteve grandes benefícios com a política da desconcentração industrial da metrópole paulista, pois as indústrias que se instalaram nesta região foram em números bem menores do que em outras mais próximas à capital. Na época, instalaram-se ramos industriais, que se beneficiaram da proximidade com a matéria-prima, tais como indústrias processadoras e beneficiadoras de produtos agrícolas. Porém, na medida em que as atividades deste setor passaram a ser desenvolvidas em outras regiões brasileiras, a indústria, que dependia da proximidade com a matéria-prima também se transferiu, como ocorreu, por exemplo, com a Cica (processadora de tomate para molhos) que se instalou em Goiás. Essas empresas seguem a dinâmica capital, portanto migram para os lugares onde a possibilidade de acumulação é mais favorável.

Percebe-se que o Oeste do Estado de São Paulo passou/passa por várias mudanças. Assim, trazendo a discussão para as últimas décadas do século XX e início do século XXI, verifica-se que além dos ramos industriais já existentes, desde a década de 1980 (alimentos e bebidas, artefatos de couro, calçados, refino de álcool, refino de petróleo, máquinas e equipamentos, móveis e produtos de metais) *“a região, vem nos últimos anos, atraindo os ramos de produtos farmacêuticos, de material elétrico e de comunicação”* (GOMES, 2007, p. 127).

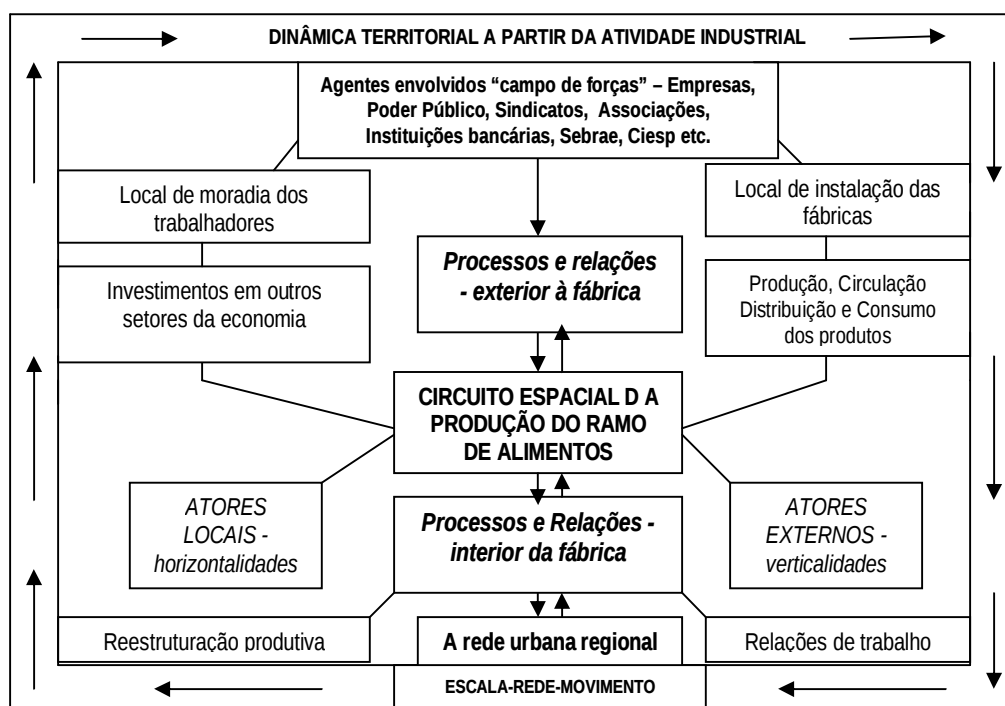
De acordo com Gomes (2007),

“[...] o crescimento da indústria no interior nos últimos anos, está vinculado ao processo de reestruturação produtiva, com a incorporação de inovações tecnológicas de produtos e de processo, de utilização de métodos e técnicas de produção para garantir um aumento da produtividade e qualidade. Acrescenta-se o aumento da demanda dos centros urbanos regionais, o aumento do mercado consumidor com aumento da urbanização, em que a maioria, ou mais de 75% da população desses municípios habitam a área urbana” (p. 128).

Portanto, o interesse recai sobre o *“quarto momento de industrialização do Oeste Paulista”*, pois este período vem acarretando mudanças na maneira de entender a produção e a organização do território pela atividade industrial. Para tanto, privilegia-se a análise das indústrias de alimentos de médio e grande porte, pois de acordo com Gomes (2007, p. 127), *“são estas indústrias que estão passando pelo processo de*

reestruturação produtiva” e, de acordo com os dados do PAEP/SEADE (1996 e 2001), este ramo vem aumentando o valor adicionado em todas as Regiões Administrativas do Oeste. O aumento do ramo supracitado também se dá em relação à quantidade do número de estabelecimentos e empregos (SEADE, 2007).

Preliminarmente, a concentração das indústrias de transformação do ramo de alimentos, localizadas no Oeste de São Paulo, principalmente nas cidades médias de Marília, Presidente Prudent, Araçatuba e São José do Rio Preto proporciona levantar alguns questionamentos, entre eles, trabalhamos na tentativa de averiguar se os agentes envolvidos neste ramo de produção industrial contribuem para a formação de uma especialização produtiva na escala regional. Desta maneira, acredita-se que será possível propor uma leitura da dinâmica territorial na escala regional, considerando as coexistências entre a atuação dos agentes locais e externos que tem interesses distintos, e por isso gera contradição e conflitos entre as classes. Vale a pena ressaltar que, a noção de território que adotamos é a proposta por Raffestin (1993) e Santos (2001), pois eles entendem o território, como sendo um campo de forças que é usado cada vez mais por agentes do capital hegemônico para garantir uma maior lucratividade, mas que também neste mesmo território, existem agentes que tentam organizá-lo de maneira menos desigual. No esquema abaixo é possível verificar, uma proposta de entendimento do território a partir das atividades industriais.



A sistematização preliminar da dinâmica territorial pela atividade industrial, foi possível a partir das leituras de Santos (1986, 1988, 1994 e 2001), Raffestin (1993), Dematteis & Governa (2005) e Saquet (2007). Org.: Bomtempo, Denise Cristina. Jan./2008

Assim, para entender a dinâmica territorial pela atividade industrial no século XX e XXI, é preciso considerar que existe uma rede de relações que se configuram, pois, uma das características do modo capitalista de produção na atualidade é a sua articulação em redes, que estão interligadas numa velocidade nunca antes presenciada. Porém, esta interligação não se faz de maneira homogênea, porque o capital articula os territórios, ao longo do tempo, a partir dos seus interesses. Diante do exposto, julgamos de extrema importância entender os processos que levaram à aglomeração da indústria de alimentos na cidade de Marília.

3.1. O ramo de alimentos na cidade de Marília

As indústrias de transformação do ramo de alimentos estão localizadas nas cidades médias do Oeste Paulista, são elas São José do Rio Preto, Araçatuba, Presidente Prudente e Marília, porém, vale a pena ressaltar que, é nesta última cidade que verificamos uma forte aglomeração de indústrias deste ramo, atuando principalmente na produção de biscoitos, confeitos de amendoim, gomas, balas e “salgadinhos”.

De acordo com Mourão (2002), a indústria de alimentos de Marília teve seu início com os imigrantes italianos e japoneses que migraram para a Alta Paulista, que era a *“frente de expansão pioneira do estado”*. A princípio, os imigrantes dedicaram-se a atividades ligadas ao setor agrícola, principalmente à produção do algodão e bicho-da-seda e também desenvolveram atividades econômicas ligadas ao comércio e a indústria. No início, a atividade industrial era bem incipiente, o processo de produção era feito de maneira artesanal. Na década de 1930, empresas de capital externo se instalaram na região para ficar próxima da matéria-prima. Eram empresas beneficiadoras de algodão e processadora de óleo. Este capital industrial permaneceu na região e na cidade de Marília até meados da década de 1970, pois o algodão, o amendoim e a soja, passaram a ser cultivados em outras regiões brasileiras, entre elas as regiões Sul e Centro-Oeste, diante disso, as empresas também se deslocaram, pois dependiam diretamente da matéria-prima para realizar as suas atividades.

Com a saída das empresas processadoras da cidade de Marília, as atividades econômicas a princípio ficaram prejudicadas, mas, existiam outros ramos industriais que sustentaram a economia local e regional, entre eles destacam-se os de alimentos e esquadilhas metálicas, que se originaram com os imigrantes italianos e japoneses, portanto, a origem do capital era local. Estas empresas eram pequenas, e por isso a mão-de-obra adotada no início era a familiar, desde a produção até a distribuição.

O processo de desconcentração industrial que ocorreu no estado de São Paulo na década de 1970, não teve grandes reflexos na dinâmica da indústria regional. Os agentes públicos e privados trabalharam no intuito de atrair as empresas, para tanto, garantiam isenção de impostos, doação de terrenos e oferta de mão-de-obra barata, porém a distância de aproximadamente 500 km, não contribuiu para a atração das indústrias que estavam em processo de desconcentração da metrópole paulista. Isso a médio e longo prazo se tornou um fator positivo, pois as indústrias de alimentos, principalmente as localizadas na cidade de Marília, se estruturaram e tiveram um certo dinamismo, que contribuiu para ultrapassar os momentos de crise econômica que assolou a década de 1980 até meados de 1990, na escala nacional do território brasileiro.

Grande parte das indústrias de Marília sobreviveu às imposições do sistema de produção capitalista global, elas adequaram-se às exigências do mercado, e passaram, portanto por um processo de reestruturação, que perpassa pela diminuição dos custos, inovação dos produtos, qualificação da mão-de-obra, diminuição do tempo da produção e distribuição, melhoria na qualidade com maior produtividade etc. Atualmente, as indústrias conseguem permanecer e se expandir no mercado competitivo, como é o caso de empresas como a Marilam que fabrica biscoitos, a Dori, que trabalha na produção de confeitos de amendoim e a Nestlé, que adquiriu a Airilam, uma empresa que era de capital local. Porém, outras empresas como a Ranieri (macarrão), que foi vendida para o grupo Ádria e também o Grupo Iguatemi (armação de óculos e lentes), não suportaram a abertura proporcionada pela política neoliberal da década de 1990 e decretaram falência.

Na escala regional, verifica-se que Marília se destaca entre as demais cidades médias do ponto de vista da aglomeração de indústrias do ramo de alimentos. De

acordo com os dados da Fundação Seade⁶, o total de estabelecimentos industriais de alimentos no estado de São Paulo é de 4.184 e o número de empregos ocupados é de 117.911. Nas cidades médias do Oeste Paulista, Araçatuba possui um total de 33 estabelecimentos industriais do ramo de alimentos e um total de 1.027 empregos ocupados na indústria, este número corresponde a uma média de 31,12 empregados por estabelecimento industrial, sendo as indústrias, na média, em relação ao número de empregados, consideradas de pequeno porte, também, a cidade é responsável por 0,87% dos empregos do ramo de alimentos existentes no estado. A cidade de São José do Rio Preto congrega 80 estabelecimentos industriais do ramo de alimentos e possui um total de 877 empregados, este número corresponde a uma média de 10,96 empregados por estabelecimento industrial, assemelhando-se com Araçatuba no que diz respeito ao porte das empresas, também a cidade é responsável por apenas 0,74% dos empregos do ramo de alimentos existente no estado. Por sua vez, a cidade de Presidente Prudente, que possui “tradição” no ramo de alimentos, principalmente pela produção de molhos de soja “*shoyo*”, possui um total de 34 estabelecimentos industriais deste ramo e um total de 2.067 empregados na indústria, este número corresponde a uma média de 60,79 empregos por estabelecimento industrial e, também, a cidade é responsável por 1,75% dos empregos do ramo de alimentos do estado de São Paulo. A cidade de Presidente Prudente possui duas empresas do ramo de alimentos, que produzem o molho de soja, porém eram três, mas uma delas transferiu-se para o município de Regente Feijó, que se localiza cerca de 20 km de Presidente Prudente. A empresa está instalada às margens da Rodovia Raposo Tavares, pois em Presidente Prudente, localizava-se no Centro antigo da cidade, que não tinha uma estrutura urbana que suportava um fluxo contínuo de caminhões que abasteciam a indústria com matérias-primas e também transportava a mercadoria e a mão-de-obra.

O foco principal da nossa pesquisa é a cidade de Marília, que de acordo com os dados da Prefeitura Municipal, conta com uma população de aproximadamente 200 mil habitantes. De acordo com Mourão (2002), Marília foi elevada à condição de município no ano de 1929, sendo que, a ocupação da Alta Paulista, que a posteriori se tornou região da Alta Paulista, onde se localiza Marília, precedeu a chegada da ferrovia, pois

⁶ Atlas da Competitividade da Indústria Paulista – www.seade.gov.br. Acesso em 9/4/2008.

de acordo com Monbeig (1998), a porção Oeste do estado, correspondia à “*franja pioneira*”.

Com a crise de 1929, a produção cafeeira deixou de ser a principal atividade econômica do estado de São Paulo e principalmente da grande área de ocupação recente, denominada Oeste Paulista, sendo gradativamente substituída pela cultura do algodão e por pequenas atividades de serviços e industriais nos núcleos urbanos em formação. Para o momento, como já foi explicitado, o interesse recai em entender a dinâmica urbana regional pela atividade industrial do ramo de alimentos na cidade de Marília, para tanto, resgatamos alguns processos e agentes que contribuíram para o desenvolvimento desta atividade econômica na escala regional e local.

Marília é uma cidade que se destaca entre as cidades médias do Oeste Paulista no que tange ao ramo de alimentos, pois possui 69 estabelecimentos comerciais e é responsável por 6.908 empregos ocupados na indústria, este número corresponde a uma média de 110,1 empregados por estabelecimento industrial, média que nos permite afirmar que as indústrias de alimentos de Marília são de médio e grande porte, tendo como referência o total de mão-de-obra empregada. Em relação ao estado de São Paulo, Marília é responsável por 5,85% do total de empregos do ramo de alimentos, bem diferente das demais cidades médias do Oeste Paulista, que apresenta um percentual bem abaixo. Quando trabalhamos na escala local, verificamos que os trabalhadores das indústrias equivalem aproximadamente 3,45% do total da população da cidade de Marília.

Também, se pegarmos outras variáveis, como por exemplo, o valor adicionado fiscal, que permite comparação entre as cidades médias do Oeste Paulista, verificaremos que no ano de 2005, o ramo de alimentos da cidade de Marília foi responsável por 65,44%, Presidente Prudente foi responsável por 70,88%, Araçatuba foi negativo -36,42% e São José do Rio Preto foi de 33,62%. Em relação aos investimentos anunciados, de acordo com o SEADE, a cidade de São José do Rio Preto não apresenta nenhum investimento, assim como Presidente Prudente; Araçatuba teve quatro investimentos anunciados no ano de 2005, sendo que três eram provenientes de capital nacional e um de capital externo. O valor anunciado para esta cidade foi de US\$ 36,98 milhões do grupo Nestlé, no período de 2005 a 2006, que

instalou uma fábrica na cidade e, o grupo Cosan/FBA que anunciou US\$ 44,28 milhões, no período de 2005 a 2010, os demais investimentos anunciados, não passou de US\$ 4,2 milhões no ano de 2005. A cidade de Marília teve um investimento anunciado de US\$ 0,84 milhões da Spaipa, para a ampliação da empresa, no ano de 2005.

Mesmo que Marília não tenha apresentado investimentos anunciados tão significativos como ocorreu na cidade de Araçatuba e que o valor adicionado fiscal seja menor que o de Presidente Prudente, acreditamos que este ramo industrial é importante de ser investigado do ponto de vista da ciência geográfica, pois é um ramo que teve o seu início marcado por uma produção artesanal que atendia ao mercado local e hoje é responsável por uma expressiva “fatia” do mercado de alimentos no território brasileiro e que atrai investidores, tanto na escala regional, nacional como também global, como por exemplo, a Nestlé, multinacional Suíça que tem atuado na cidade de Marília, com sede própria e também na aquisição de empresas que era de capital. Por quê? Existem vários fatores, Mourão (2002), afirma que Marília foi responsável por desenvolver um ramo que exige baixa composição orgânica do capital e por estar distante da metrópole paulista, conseguiu consolidar o mercado local e regional que possibilitou ampliar as vendas dos produtos ao longo do tempo. Atualmente, os produtos alimentícios, principalmente os biscoitos, são destinados a atender às exigências dos consumidores de classes sociais distintas, os produtos da Nestlé, atendem um determinado perfil de consumidor, que tem um poder aquisitivo maior e, os produtos de empresas como a Marilam são destinados aos consumidores da renda mais baixa. Hoje, os produtos já romperam o mercado regional e destinam a produção para outras regiões do estado de São Paulo, do Brasil, principalmente para as regiões Nordeste e Centro-Oeste e também trabalham com o objetivo de ampliar a exportação principalmente para os países do Mercosul.

Do ponto de vista da escala intra-urbana, são vários os pontos que precisam ser levantados, entre eles acreditamos que é importante analisar até que ponto a atividade industrial interfere na própria estruturação urbana da cidade, do ponto de vista da aglomeração e localização industrial, no deslocamento e na moradia da mão-de-obra, e nos fluxos de pessoas, mercadorias e atividades que são realizadas ao longo do tempo, para atender a atividade industrial.

Os trabalhos de Mourão (2002) e Gomes (2007), já afirmaram que o ramo de alimentos da cidade de Marília caminha para a especialização produtiva, isso se deve em grande parte aos agentes envolvidos no processo de industrialização que ocorre ao longo do tempo, tanto do ponto de vista do poder público, como dos empresários, associações, sindicatos, agentes financeiros etc. Temos na cidade de Marília atualmente, várias instituições que estão dispostas a trabalhar no intuito de dinamizar ainda mais o ramo industrial de alimentos, entre elas destacam-se a formação de Grupos de Empresários como o GEAD – Grupo de Entidades de Apoio ao Desenvolvimento de Marília, criado em 2001, sendo que os participantes, além de empresários, são membros dos Sindicatos, Prefeitura, Universidade etc, também temos a ADIMA – Associação das Indústrias de Alimentos de Marília, criada em 1998, que entre outras atuações tem trabalhado no intuito de impulsionar os empresários à buscar novos mercados e novas tecnologias para garantir melhor qualidade dos produtos. A ADIMA desenvolveu o “*slogan*”, destacando Marília como a “capital nacional do alimento”. Verifica-se também o papel de instituições como o SEBRAE, FIESP, SENAI e o Poder Público Municipal nas discussões referente às indústrias de Marília. Também, vale a pena ressaltar que, os Sindicatos, mesmo de maneira incipiente participa das discussões referentes aos trabalhadores deste ramo industrial. Porém, de acordo com Mourão (2002), a aglomeração industrial de Marília e a sua organização em distritos possuem diferenças com a aglomeração industrial da chamada Terceira Itália, tanto do ponto de vista da organização dos agentes envolvidos, da inovação na organização da produção, da localização industrial, da qualificação da mão-de-obra adotada no processo produtivo e dos fatores endógenos que interferem diretamente no processo de produção, desde a aquisição da matéria-prima, até a própria produção e distribuição ao mercado consumidor.

Percebemos preliminarmente, que mesmo com as discussões feitas pelas instituições descritas acima, as iniciativas que são tomadas pela empresa são na maioria das vezes individuais e ocorrem para atender os requisitos do mercado ao longo do tempo. Quando a empresa atendia ao mercado local e regional, localizava-se no Centro da cidade, o trabalhador estava próximo do trabalho, assim a proximidade facilitava os deslocamentos, e as relações existentes entre o local de trabalho e

moradia eram mais visíveis na paisagem urbana, porém, com o crescimento das indústrias e com isso a necessidade de atender as demandas do mercado e aproveitar os incentivos do poder público, as indústrias se deslocaram, a princípio para os distritos industriais e posteriormente para as margens da Rodovia João Ribeiro de Barros, que dá acesso às demais regiões do estado de São Paulo e do Brasil. Sánches Hernández (1998) e Sposito (2006), afirmaram que na atual fase do sistema capitalista, é uma tendência das indústrias se localizarem próximas às rodovias, pois hoje, de acordo com Santos (1994), vivemos na sociedade do tempo rápido que exige deslocamentos tanto da matéria-prima, como do produto transformado, de maneira cada vez mais rápida, para assim garantir a sobrevivência no competitivo mercado capitalista, estas são relações que ocorrem na escala das verticalidades. Porém, quando ocorre o deslocamento das indústrias do centro da cidade para os distritos e às margens de ferrovias, aeroportos ou rodovias, como é o caso das indústrias de Marília, o local de moradia do trabalhador não se desloca, ficando ele distante do local de trabalho; isso altera de maneira significativa os fluxos na escala intra-urbana da cidade. Mourão (2002), afirma que na cidade de Marília, surgiram bairros de alto-construções nas áreas vazias próximas aos distritos industriais. Perguntamos, será que as instituições públicas e privadas discutem sobre as condições de vida do trabalhador da indústria – dentro e fora dela? Existem políticas de qualificação da mão-de-obra? Os salários dos trabalhadores da indústria estão na média salarial nacional? Existem políticas que trabalham com o intuito de diminuir os acidentes de trabalho? O poder público tem se preocupado em fornecer intra-estruturas básicas ao local de moradia do trabalhador? Como o trabalhador se desloca para o trabalho? Existe uma migração pendular para o trabalho das indústrias de alimentos de Marília, ou os 6.908 empregos são ocupados por trabalhadores desta cidade?

São várias as questões que merecem ser trabalhadas, tanto na escala das verticalidades, que muitas vezes são produzidas pelos agentes do capital hegemônico, e que acarretam transformações na escala das relações que se estabelecem na escala das horizontalidades, ou seja, no espaço do vivido.

Como já foi ressaltado anteriormente, a pesquisa encontra-se em andamento, porém, uma das nossas inquietações presentes em todas as fases do trabalho é tentar

discutir as problemáticas que estão por trás do *slogan* “Marília – capital nacional do alimento”.

Para tanto, pretendemos trabalhar na indústria, tentando entender as estratégias adotadas pelos empresários para permanecer neste mercado de competição global, além de entender a configuração do mapa do circuito espacial da produção das indústrias de alimentos. Porém, o nosso trabalho, é um tanto ambicioso, pretendemos ir além dos “portões da fábrica”, como já foi explicitado, num primeiro momento, objetiva-se sim, entender o grau de reestruturação produtiva nas indústrias de alimentos de Marília, mas pretendemos também verificar se esta reestruturação no processo de produção contribui para a reestruturação do espaço urbano na escala regional e intra-urbana, além de compreender se a reestruturação produtiva acarreta o que Antunes (2004), chama de “*precarização das relações de trabalho*”, ou seja, a preocupação perpassa em buscar o entendimento de como o trabalhador está inserido na fábrica, na sociedade, na cidade e no bairro em que ele reside, tendo sempre a preocupação de investigar se, os rendimentos provenientes do trabalho na indústria, possibilita a reprodução socioespacialmente ou apenas garante a sua sobrevivência.

4. CONSIDERAÇÕES

A discussão sobre a dinâmica territorial na escala urbana regional, envolvendo as cidades médias, a partir da atividade industrial é um tanto recente nos estudos de Geografia Econômica, Industrial e Urbana. As reflexões apresentadas neste artigo perpassam pelas preocupações, de articular a leitura do espaço regional urbano, pelo viés da indústria, com a tentativa de entender o seu papel para a dinâmica da rede urbana, do emprego na indústria e da interligação das redes estruturadas pelo capital, que articula as escalas de produção ao longo do tempo, tanto do ponto de vista do território nacional como também global. A perspectiva da nossa análise é tentar revelar de maneira crítica que, as relações estabelecidas pelos agentes de reprodução do capital, que normatizam o uso do território de maneira vertical, não tem a preocupação de pensar nas reproduções que se dão socioespacialmente nas escalas das horizontalidades. Nosso papel, portanto, é investigar as contradições existentes nesta

realidade complexa e propor novas leituras do espaço geográfico, a fim de que possamos pensar num território que possa ser usado de maneira menos desigual.

Também, a reflexão da dinâmica territorial pelo viés da indústria faz-se importante, pois não se pode pensar a produção somente do ponto de vista local, ela ocorre de maneira processual e multiescalar. Ao mesmo passo, as indústrias possuem relações que são estabelecidas no plano do vivido, com os trabalhadores, com as firmas, com as instituições etc. Desta maneira, acredita-se que a análise da dinâmica territorial do ponto de vista regional considerando as atividades econômicas, só é possível se for considerado que o território é organizado, usado e normatizado do ponto de vista econômico, social, político, ambiental e cultural e que envolve agentes locais e externos que estão articulados por *redes malhas e nós*. E, que vale a pena pensar num desenvolvimento do território que considere além da escala do capital (*verticalidades*), a escala da vida (*horizontalidades*).

Referencial Bibliográfico

- ANTUNES, R. e SILVA, M. A. M. (orgs.). *O avesso do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- DEMATTEIS, G. e GOVERNA, F. *Territorialità, sviluppo locale, sostenibilità: il modello SLoT*. Itália - Milano: Franco Angeli, 2005.
- DUNDES, A. C. *O processo de (des) industrialização e o discurso desenvolvimentista em Presidente Prudente – SP*. Presidente Prudente: FCT/UNESP/PPGG, 1998. (Dissertação de Mestrado).
- FIRKOWSKI, O. L.C.de F. O processo recente de localização industrial na área metropolitana de Curitiba. Concentração ou desconcentração. In: SPOSITO, E. S. *Dinâmica, poder e novas territorialidades*. Presidente Prudente: UNESP/FCT:GAsPERR, 1999.
- _____. *Industrialização recente do município de Limeira em face ao contexto paulista*. Rio Claro: IGCE, 1989. (Dissertação de Mestrado).
- GOMES, M. T. S. *A dinâmica do mercado de trabalho formal: uma análise do setor industrial em Presidente Prudente – SP*. Presidente Prudente: FCT/UNESP/PPGG, 2001.
- _____. *O processo de reestruturação produtiva em cidades médias do Oeste Paulista: Araçatuba, Birigui, Marília, Presidente Prudente e São José do Rio Preto*. SP: PPGGHUMANA/FFLCH/USP, 2007.
- LENCIONI, S. Mudanças na metrópole de São Paulo (Brasil) e transformações industriais. In: *Revista do Departamento de Geografia*. n.º 12. São Paulo: FFLCH-USP, 1998, p.27-42.
- _____. Mudanças na metrópole de São Paulo e as transformações Industriais. In: MATUSHIMA, M. K. *A formação de um eixo de desenvolvimento entre os municípios de*

- São José do Rio Preto e Mirassol*. Presidente Prudente: FCT/UNESP/PPGG, 2001 (Dissertação de Mestrado).
- MONBEIG, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MOURÃO, Paulo Fernando Cirino. *A industrialização do Oeste Paulista*. Presidente Prudente: FCT/UNESP/PPGG, 1994.
- _____. *Reestruturação Produtiva da indústria e desenvolvimento regional: a região de Marília*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP. SP, 2002.
- RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. SP: Ática, 1993.
- SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, J. L. *El eje Irún-Aveiro*. Salamanca: Ed. Caja Duero, 1998.
- SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e Meio-Técnico-Científico-Informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. RJ: Record, 2001.
- SAQUET, M. A. *Abordagens e concepções sobre território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SEABRA, Odete et. all. *Território e sociedade. Entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Perseu Abramo, fevereiro de 2001.
- SILVA, A. M. *Indústrias e Mudanças Tecnológicas: considerações sobre a Décima Região Administrativa de Presidente Prudente*. SP: Presidente Prudente: UNESP, 2002 (Dissertação de Mestrado).
- SPOSITO, M. E. B. *Capitalismo e Urbanização*. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. *O chão em pedaços*. Presidente Prudente: FCT/UNESP – Tese de Livre Docência, 2004.
- SPOSITO, E. S. Território, logística e mundialização. In: SPOSITO, E. S. *Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades*. Presidente Prudente: GASPERR/UNESP, 1999, p. 99-113.
- _____. *Relatório no. 1 da FAPESP, do Projeto Temático: O novo Mapa da Indústria no início do século XXI. Diferentes paradigmas para a leitura territorial da dinâmica econômica no Estado de São Paulo*. Presidente Prudente, Abril de 2007.

Sites Pesquisados:

Fundação Seade. Site: www.seade.gov.br. Acesso em 9/5/2008.

Site: www.marilia.com.br. Acesso em 9/5/2008.